

## **Corpo tangente, por Renata Marquez**

No início dos anos 1990, o antropólogo Marc Augé estudou os estranhos lugares de trânsito nos quais a circulação, a comunicação eficiente e o consumo eram privilegiados. Lugares nos quais interagíamos passivamente com códigos e obedecíamos a regras sem ali criar identidade, relação ou história. Chamou-os de não lugares: configurados por códigos ambulantes e signos de ordem, eram formados por paisagens rápidas e genéricas na superficialidade do seu caráter de passagem. Entretanto, otimista, Augé nos preveniu que lugares e não lugares não eram estruturas estanques ou formas puras e sim palimpsestos que não paravam de se sobrepor na dinâmica cotidiana de percepção e produção de sentido.

*Corpo Tangente* apresenta uma série de exercícios físicos movidos pela paisagem e seus códigos. Na sua busca sistemática pela compreensão dos entrecruzamentos entre lugar e não lugar – entre identidade e desenraizamento, entre escritura e leitura, entre história e amnésia, entre singularidade e massificação, entre insurgência e controle – evidencia o obrigatório caráter de interrelação existente entre corpo e paisagem.

Se a paisagem dos não lugares ainda hoje insiste em normatizar a vida e regular as ações, a tarefa da performance social seria justamente a de ali esforçar-se por recompor lugares. Mas vemos que a interrelação entre a paisagem e um corpo crítico é um complexo campo de disputas. Se, por um lado, entendemos que a paisagem é percebida, mesurada e aferida somente quando é performatizada por um corpo que lhe confere existência, significado e valor, por outro, testemunhamos a experiência conflituosa do corpo-a-corpo diário com a paisagem.

Instrumento errático que esquadrinha centros urbanos, várzeas e regiões costeiras, Bruno Rios elabora situações de sondagem na paisagem materializando legendas, gráficos, calendários e tabelas como formas resultantes do seu processo investigativo. Ao estampar in situ ou disponibilizar remotamente tais sínteses analíticas, ele questiona os códigos científicos e os códigos sociais enquanto únicas verdades legítimas, oferecendo-nos breves vestígios de sentidos solitários e atitudes heroicamente performáticas em desafio à imagem-regulação.

Ele joga, de bom grado, o jogo implícito da paisagem. E, como sabemos que todo jogo é um espaço de ficção, distinto da vida cotidiana, temos a formação de um espaço paralelo e instantâneo que funciona com regras e vontades próprias. Através do movimento de peças que suspeitamos serem integrantes de um grande jogo que é fundamentalmente político, são delimitados campos de desenho a céu aberto como planos de manobra para visitas fortuitas a outros imaginários possíveis de cidade e vida social. Ao invés dos clichês paisagísticos, vemos emergir uma lógica geo-gráfica embasada na correspondência sempre incerta entre a escala das pequenas ações e suas possíveis consequências na coletividade.

texto desenvolvido por Renata Marquez para catálogo e exposição individual *Corpo Tangente*, exibida em 2013 no Palácio das Artes em Belo Horizonte/MG

<http://www.lastroarte.com/renata-marquez>  
<http://www.geografiaportatil.org/>